

O comentário que fica

A fotografia apareceu numa página da escola como aparecem muitas coisas: sem fazer barulho, como se já estivesse lá antes de alguém reparar nela. A luz entrava pelas janelas e pousava nos rostos com uma delicadeza que não costuma durar muito tempo, como se soubesse que aquele instante ia desaparecer assim que fosse visto. Havia sorrisos alinhados, gestos suspensos, um instante que parecia dizer que tudo estava bem — ou pelo menos suficientemente bem para ser mostrado. Há momentos que existem mais para serem vistos do que para serem vividos, e talvez este fosse um deles.



Os primeiros comentários chegaram depressa. Pequenos sinais de aprovação, palavras leves, quase automáticas. Como quem acena ao passar, sem parar. Um "gosto", outro, um emoji que substitui uma frase inteira. Nada que ficasse muito tempo.

Durante algum tempo, a fotografia foi apenas isso: um lugar por onde as pessoas passavam.

Depois, entre essas palavras, apareceu outra, mais pesada:

"Há pessoas que só aparecem quando convém."

Não dizia nomes. Não apontava diretamente para ninguém. Mas também não precisava. Há frases que parecem saber mais do que dizem.

Alguns reconheceram o alvo sem que fosse necessário explicá-lo. Outros riram, talvez porque o riso é mais fácil do que perguntar. Houve quem marcasse colegas, como quem chama alguém para ver uma coisa que não quer perder — ou que não quer ver sozinho.

A frase começou a crescer, não porque mudasse, mas porque era repetida, mostrada, levada de um lado para o outro. Tornou-se mais visível do que a própria fotografia. A imagem ficou parada. A frase, não.

Houve quem a lesse uma vez. Houve quem voltasse atrás e lesse outra vez, como se procurasse confirmar qualquer coisa. Houve quem não dissesse nada, mas ficasse mais tempo do que o habitual.

Quem estava na imagem demorou mais tempo a chegar aos comentários. Talvez porque não procurasse. Talvez porque não esperasse. Às vezes, as coisas chegam mais tarde a quem dizem respeito.

Quando chegou, não viu tudo ao mesmo tempo. Viu primeiro a fotografia. Depois os comentários. Depois aquela frase, que não estava no início e que agora parecia estar em todo o lado.

Leu. Voltou atrás. Leu outra vez. Como quem entra numa sala onde já se disse muito e onde as palavras continuam no ar, mesmo depois de ninguém estar a falar.

Ficou ali, com o telemóvel na mão, como se pudesse fazer alguma coisa com aquilo. Mas não fez.

E a frase continuou a aparecer, em novos ecrãs, em novos olhares, sempre igual e sempre um pouco diferente, como se ganhasse peso cada vez que era lida.

E ficou.

A notícia que corre mais depressa

A mensagem apareceu no grupo sem aviso, como se tivesse pressa de existir, como se já viesse atrasada ao momento em que precisava de ser lida.

“Proíbem telemóveis nas escolas já para a semana.”

O título parecia completo. Não parecia precisar de mais nada. Era curto, direto, suficientemente claro para não exigir perguntas. Há frases que se apresentam como se fossem já a resposta.



As reações surgiram quase ao mesmo tempo que a leitura — se é que houve leitura. Emojis, exclamações, frases rápidas, algumas mais indignadas do que outras, mas todas com a mesma urgência de dizer qualquer coisa antes que a mensagem envelhecesse.

Houve quem escrevesse se m abrir o link. Houve quem respondesse a partir do título, como se o resto fosse apenas um detalhe que não alterava o essencial.

Alguém partilhou noutro grupo. Depois noutro. Como se a mensagem precisasse de continuar a andar, como se parar fosse uma forma de a perder. Como se circular fosse a sua forma de se tornar verdadeira.

A cada novo grupo, a frase chegava com a mesma forma, mas não exatamente com o mesmo sentido. À volta dela iam-se juntando comentários, opiniões, pequenas certezas que não estavam no texto, mas que começavam a fazer parte dele.

Um aluno abriu o link.

Demorou mais tempo. Leu até ao fim. Voltou ao início, como quem desconfia que alguma coisa ficou por entender. Percebeu que o título não dizia exatamente o que o texto explicava. Que havia nuances, condições, detalhes que não cabiam naquela frase inicial.

Ficou a olhar para o ecrã durante alguns segundos, como quem percebe que há uma diferença entre o que parece e o que é — e que essa diferença nem sempre encontra lugar nas conversas.

Entretanto, no grupo, a conversa já tinha avançado. A mensagem já não estava sozinha — tinha crescido à sua volta uma série de ideias que não estavam no texto, mas que começavam a ser repetidas como se estivessem.

O aluno pensou em escrever. Explicar. Talvez corrigir. Procurou uma forma de dizer aquilo sem parecer que estava a contrariar todos ao mesmo tempo.

Escreveu uma frase. Leu-a. Apagou.

Olhou outra vez para o grupo.

A mensagem já tinha seguido para outros sítios. E, nesses sítios, ainda estava a começar, com a mesma urgência, com a mesma certeza aparente.

E havia sempre alguém a lê-la pela primeira vez.

3. O lugar vazio

Criar o grupo foi fácil. Bastaram alguns nomes, algumas escolhas feitas sem grande atenção, como se fossem provisórias, como se pudessem ser revistas mais tarde.

Mas há coisas que parecem provisórias e acabam por não ser.

O grupo começou a funcionar quase imediatamente. Mensagens curtas, decisões rápidas, tarefas distribuídas com a eficácia de quem quer avançar sem perder tempo. Tudo a acontecer dentro daquele espaço onde só alguns estavam, como se aquele fosse o único lugar onde o trabalho realmente existia.

As notificações sucediam-se. Ideias, ficheiros, horários. Pequenas peças que se iam encaixando sem grande esforço.

Lá fora, alguém percebeu que não tinha sido incluído.

Não houve um momento exato para essa perceção. Não houve aviso. Foi mais como reparar que faltava alguma coisa — ou que alguma coisa estava a acontecer sem que tivesse sido dito.

Esperou um pouco. Às vezes, as coisas resolvem-se sozinhas.

Mas não se resolveram.

Perguntou.

A resposta chegou pouco depois:

“Assim é mais fácil.”

Não era uma explicação longa. Nem parecia precisar de ser. Era uma frase que fechava mais do que abria.

Dentro do grupo, alguém leu a pergunta. Alguém leu a resposta. Houve um breve silêncio — não um silêncio total, mas uma pausa entre mensagens, quase impercetível.

Alguém começou a escrever qualquer coisa. Parou. Apagou.

Depois, tudo continuou.

As ideias voltaram a surgir. As tarefas continuaram a ser distribuídas. O trabalho crescia, organizado, eficiente, como se nada tivesse acontecido ou como se aquilo também fizesse parte do funcionamento.

Lá fora, a conversa não continuou.

O ecrã ficou igual durante algum tempo. Como se estivesse à espera de mais alguma coisa que não chegou.

Dentro do grupo, novas mensagens apareciam, cada vez mais rápidas, cada vez mais seguras.

E, ao mesmo tempo, havia um lugar que não estava lá.

Um espaço que não tinha sido ocupado, nem esquecido. Apenas deixado de fora, como certas coisas que nunca chegam a acontecer, mas continuam a fazer-se notar.



4. As palavras que parecem brincadeira

O jogo começava sempre da mesma forma: rápido, sem tempo para pensar demasiado. As decisões eram feitas quase ao mesmo tempo que aconteciam, como se pensar fosse uma coisa que viesse depois, se viesse.

Os movimentos sucediam-se, as vozes também. Havia sempre alguém a falar, a comentar, a antecipar o que vinha a seguir.

As palavras acompanhavam o ritmo.

"Assim nunca vais ganhar."

"Mais valia nem jogares."

Ditas quase sem pausa, como parte do próprio jogo, como se estivessem no mesmo plano que os comandos e as estratégias.

Alguns riram. O riso parecia fazer parte do ambiente, como se fosse mais um som necessário para que tudo continuasse a acontecer. Não era um riso longo, nem especialmente alto. Era um riso que não se detinha.

Outros não disseram nada. Continuaram a jogar, concentrados nos movimentos, como se o silêncio fosse uma forma de não interferir, ou talvez uma forma de não escolher.

A pessoa a quem as palavras eram dirigidas continuou também. Não saiu do jogo. Não disse que queria parar. Não havia um momento claro para isso.

Mas começou a falar menos.

Quando falava, era mais breve. Quando jogava, arriscava menos. Escolhia caminhos mais seguros, como quem tenta não dar espaço a novas palavras.

Houve uma jogada em que hesitou mais tempo do que o habitual. Ninguém disse nada naquele instante. Depois, alguém voltou a rir.

"Estás a ver?"

A frase não era nova. Mas parecia um pouco mais pesada.

As partidas sucediam-se. Uma após outra, quase sem interrupção. O jogo não parava, e as palavras também não.

Às vezes repetiam-se. Às vezes mudavam ligeiramente. Mas mantinham-se no mesmo lugar, como se fossem sempre dirigidas à mesma pessoa, mesmo quando não o diziam de forma direta.

Houve momentos em que parecia que tudo ia continuar exatamente igual. Que aquilo fazia parte do jogo, como as regras que ninguém questiona.

E, a cada vez, parecia que já não eram exatamente as mesmas palavras.

Como se tivessem ganhado peso, não por serem diferentes, mas por continuarem a ser ditas.



5. O que não se vê

A imagem apareceu no grupo sem contexto, como muitas coisas aparecem: desligadas do momento em que aconteceram, como se tivessem sido arrancadas do tempo e colocadas ali, prontas a serem vistas.

Não havia explicação. Não havia antes nem depois. Apenas aquele instante, isolado.

Alguém escreveu:

“Olhem bem isto.”

Era um convite, mas também era outra coisa. Uma espécie de orientação sobre como ver, como se dissesse que havia ali algo que não devia passar despercebido.

Durante alguns segundos, ninguém disse nada. A imagem ficou sozinha, como se estivesse à espera.

Depois começaram as respostas.

Emojis, comentários curtos, alguns risos. Reações rápidas, quase automáticas, como se a forma de olhar já estivesse decidida antes de alguém a pensar.

Alguém reconheceu a pessoa. Disse o nome.

A partir daí, a imagem deixou de ser apenas uma imagem. Passou a ser sobre alguém, e não apenas sobre aquilo que mostrava.

Outros repetiram o nome. Como se confirmar fosse tornar mais certo.

Houve quem não conhecesse. Houve quem não perguntasse. Houve quem visse e passasse para a próxima mensagem, como quem atravessa um espaço sem se deter.

Mas a imagem continuava lá, a surgir de novo, a ser reenviada, a aparecer em outros grupos onde chegava sem história, mas não sem sentido.

Entre todos, alguém ficou um pouco mais tempo.

Aumentou a imagem. Voltou atrás. Olhou outra vez, como se procurasse alguma coisa que não estava imediatamente visível.

Pensou em escrever qualquer coisa.

Talvez perguntar. Talvez dizer que não era assim tão simples. Que podia haver mais do que aquilo.

Começou a escrever uma frase. Parou. Apagou.

Ficou a olhar para o ecrã, como se estivesse à espera de que alguém dissesse aquilo primeiro.

Mas ninguém disse.

A imagem continuou a circular, afastando-se cada vez mais do momento em que foi captada. E, a cada nova partilha, parecia ganhar um sentido mais fixo, mais difícil de mudar.

E também se afastava de quem lá estava.

Como se, ao viajar, deixasse de pertencer ao lugar de onde veio e passasse a pertencer ao olhar de quem a recebe.



6. Entre dizer e ficar calado

A conversa parecia normal. Mensagens curtas, respostas rápidas, o ritmo habitual de quem já está habituado a falar naquele espaço, onde quase não é preciso pensar no que se diz porque já se sabe como se diz.

As frases sucediam-se sem esforço. Perguntas, respostas, pequenas interrupções. Tudo dentro de um equilíbrio que parecia conhecido.



Depois começaram a surgir comentários dirigidos sempre à mesma pessoa.

"Tu és sempre assim..."

"Já estamos habituados..."

Não eram frases longas. Não explicavam muito. Mas repetiam-se o suficiente para parecerem certas.

No início, podiam passar por observações. Depois começaram a soar mais como definições.

Nada parecia suficientemente grave para interromper a conversa. Nada parecia suficientemente leve para não deixar marca.

Alguns juntaram-se. Acrescentaram pequenas frases, quase como continuação das anteriores, como se estivessem apenas a completar uma ideia que já estava ali.

"É mesmo."

"Não muda..."

Outros limitaram-se a reagir. Um emoji, um "gosto", um sinal mínimo de presença que, ainda assim, dizia alguma coisa.

Havia também quem apenas lesse.

Acompanhar sem intervir pode parecer invisível, mas não é. Há silêncios que não são vazios — são espaços onde se escolhe não dizer.

Houve um momento — curto, quase impercetível — em que alguém podia ter dito qualquer coisa diferente. Não precisava de ser muito. Bastava uma frase que não seguisse as outras, uma palavra fora do ritmo.

Alguém começou a escrever. Parou. Apagou.

O momento passou sem se fixar.

A conversa continuou como se tivesse escolhido continuar, como se aquele fosse o único caminho possível.

As mensagens seguintes já não eram sobre o mesmo, mas aquilo que tinha sido dito não desapareceu. Ficou entre as linhas, como uma ideia que não precisa de ser repetida para continuar presente.

E o que foi dito ficou ali, mesmo depois de todas as mensagens desaparecerem do ecrã.

Como certas coisas que não se veem, mas continuam a fazer parte do que acontece a seguir.